

**Cristiane Sobral**

**Só por hoje vou deixar  
o meu cabelo em paz**



## Nota da autora

Os poemas deste livro foram escritos em 2015, partindo de estudo para a composição do espetáculo *Alisantes Anônimos*, cuja dramaturgia escrevi depois de encontrar uma pesquisa destacando o Brasil como um dos países onde as pessoas mais utilizavam produtos cosméticos para o alisamento capilar. Esse resultado chegou em um momento em que eu refletia profundamente sobre o tema cabelo, cabeça e principalmente o cabelo crespo, essa temática era recorrente nos debates, experimentações e ensaios com o primeiro elenco do grupo de teatro que dirigi entre 1999 e 2004, a Cia de Teatro Negro Cabeça Feita. Esse período foi acompanhado pela leitura de vários autores negros, tais como bell hooks, Abdias do Nascimento, Franz Fanon, Guerreiro Ramos, Malcolm X, Angela Davis, Solano Trindade e Lélia Gonzalez, só para citar alguns.

Eu queria mais. Comecei a participar das reuniões do AA (Alcoólicos Anônimos) da minha cidade com o objetivo de entender os processos de dependência, refletindo sobre a minha história de vida desde a infância no Rio de Janeiro, a minha família, as relações amorosas e a experiência como professora de teatro em escolas públicas e particulares. A questão do cabelo, o racismo estruturante e a sua relação com os crespos sempre voltavam ao cerne das minhas análises. Daí surgiu o título: seria possível só

por hoje deixar o meu cabelo em paz? Passar 24 horas sem pensar nos cabelos crespos, sem questionar a sua inadequação diante dos padrões, sem pensar em modificar a sua estrutura? Seria possível assumir os crespos, descobrir outras opções estéticas, amar a alteridade? Por outro lado, os cabelos, o desejo da boa aparência nos moldes europeus predominantes, também faziam parte de um escopo de relações no mercado de trabalho, nas abordagens policiais, nas relações amorosas e até no contexto religioso.

Os textos falam também de uma pesquisa no campo da linguagem, em busca de termos para subverter a subalternidade que os cabelos dos negros têm na língua portuguesa, encontrando alternativas para termos depreciativos, revelando e desconstruindo outros. Trata-se de um caminho estético literário de insubmissão, de formação de uma personalidade literária que se reconstrói e flui após a descoberta da beleza e da liberdade de sermos quem somos. Aponta caminhos onde os cabelos constroem corpos mais ousados, íntimos, conscientes de suas potências, desafiando o sistema com outras performances estéticas, refazendo cabeças a partir de outros achados de si.

A primeira edição foi publicada em 2016. Seis anos depois o desafio continua presente e atual, transborda nos contextos midiáticos e além deles. Recebi com muita alegria o convite da Ed. Malê e considero extremamente oportuna a publicação da segunda edição deste livro, visto que a primeira foi independente. Espero alcançar um universo maior de leitores e pesquisadores cada vez mais ávidos por tecidos literários que tenham como tema central a experiência negra e o jeito de ser e de viver da população negra do nosso país.

Abraços,

Cristiane Sobral  
Escritora, atriz e professora de teatro

## Sumário

Prefácio .....	13
Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz .....	19
Haicai cabelo.....	20
Ainda o pelo .....	21
Estética .....	22
Retina negra .....	23
Tridente, o meu pente.....	24
Espelhos tortos.....	25
Espelhos negros.....	27
Preto no preto.....	28
Fetiche.....	30
Amuleto da sorte.....	31
Carapinha bandeira.....	32
Luzeiros .....	33
Black no preto .....	34
Estômago.....	36
Manual melanina (leia em tom de ironia) .....	37
Óleo azeviche sobre tela .....	39
Palavras não são cascas.....	40
Com o verbo na carne.....	41
Espere o inesperado.....	42

Ancestralidade na alma.....	43
Petardo.....	44
Decepção.....	45
Escrava de estimação.....	47
Preto no branco.....	48
Paradoxos.....	49
Fantasia.....	51
Pretume.....	53
Cisne negro.....	54
Mestiço camaleão.....	56
O inevitável.....	58
Racismo à luz do dia.....	60
Mentiras.....	61
Os outros.....	62
Apenas uma gota.....	63
Cabeça feita.....	65
Meu pombo da paz.....	66
Blackness.....	67
Esses homens brancos de terno e gravata.....	69
Erro de português.....	71
Black Friday.....	72
Sambou?.....	74
20 de novembro.....	76
Ilusão de ótica.....	77
Tatuagem na alma.....	78
Amor libertador.....	79
Impressionismo.....	81
Reflexo.....	81
Nódoas?.....	82

Black tie.....	84
Luz negra .....	85
Legado.....	86
Direto de esquerda .....	87
Reza.....	88
Ensinar.....	89
Destino .....	90
Quando a mãe morre muito cedo.....	91
A menina .....	92
Aos infantes.....	93
Útero da terra.....	94
Amor de mãe e o princípio da eternidade.....	95
Paideia .....	96
O meu menino.....	97
Esperança .....	98
As almas escolhem o seu destino .....	100
Dom da multiplicação .....	101
Fatal.....	102
Por enquanto é dor que desatina.....	103
Samba do amor.....	104
Amei.....	105
Muito além do próprio umbigo.....	106
Atormentada.....	107
Tente me amar.....	109
Com gosto de neve.....	110
Brisa.....	111
Jardim de inverno .....	112
Água viva .....	113
Flores?.....	115

Olga.....	117
Gozo.....	118
Orquídea deitada.....	119
Água na boca.....	120
Segredo de Estado.....	121
Flor do dia.....	122
Cidade “Playmobil”.....	123
Animália.....	124
Almoço dos calhordas.....	125
Língua de fogo.....	127
Na direção do sonho.....	128
Inoxidável.....	129
Voo livre.....	130
Tinta forte.....	131
Suplementos para a alma.....	132
Salvador Dali no meu pesadelo.....	133
A mão e a luva.....	134
Nascituro.....	135
Descompasso em tons de cinza.....	136
Quebra-cabeça.....	137
Ecologia emocional.....	138
Sustento.....	139
Um simples sorriso.....	140
Fazendo a cabeça.....	141
Caminhos abertos.....	142

## Prefácio

Sou apaixonada por textos poéticos há muito tempo. Mas, como a maioria dos que estão em minha faixa etária, as poesias clássicas eram as mais acessadas. Sendo assim, iniciei o contato com a produção literária de negros e negras com mais afinco na última década. Comecei a observar os versos e prosas das mulheres negras de maneira muito mais restrita, se comparada aos que foram produzidos por homens. A publicação “Cadernos Negros” possibilita uma oportunidade ímpar para tomarmos ciência e nos degustarmos com as letras de homens e mulheres negras, mas não é um material de grande circulação, infelizmente.

Confesso que me aproximei dos escritos desses Cadernos quando eles já existiam havia quase duas décadas e me tomei de emoção e alegria em ver neles as escritas de algumas mulheres negras. Comecei então a pesquisar um pouco sobre as histórias de vida delas e, quando iniciei o doutorado, em 2009, caí também deliciosamente nos braços desta vertente da poesia feita no Brasil que alguns nomeiam como literatura afro-brasileira ou literatura negra.

Ao me aproximar dessas produções e, em especial, das que têm sido produzidas pela ótica feminina/mulher, fiquei arrebatada, entre outras, com a poesia de Cristiane Sobral. A partir daí, comecei

a incluir seus poemas em minhas citações verbais e textuais. As pessoas em meu entorno, que até então não conheciam as suas letras, buscaram saber de quem se tratava e muitas começaram a compartilhar os textos de Sobral. Por que “consumimos” Sobral com tanto interesse?

Os motivos, creio, são vários, mas a sua língua e textos são afiados para combater as tessituras machistas e racistas que entremeiam o tecido social brasileiro. O primeiro poema de Cristiane Sobral que me tocou absurdamente foi “Não Vou Mais Lavar os Pratos”. Depois me senti igualmente tocada com “Pixaim Elétrico” e tantos outros. A poeta não economiza tinta e perspicácia para ferir mortalmente aquele que pratica a discriminação, o preconceito, o machismo, o racismo e a homofobia. Com doçura, ela tece os seus versos também para falar da maternidade. Com a mesma matéria lírica, por vezes ela condena ferozmente quem se atreve a desdenhar do cabelo do negro e da negra. Ela escreve sobre a política de discriminação que engendra a sociedade brasileira e que mantém uma situação estrutural e estruturante de colonialismo, com disfarce, para tentar ludibriar muitas pessoas.

Nesta nova e deliciosa obra que me foi dado o privilégio e a honra de apresentar — “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz” —, a escritora nos instiga a manter a altivez, a resistência, a elegância, o prazer e o gosto pelo viver afro.

Nos primeiros textos da obra, nos deparamos com um volume especial de tessituras relacionadas ao processo identitário vivido por muitos homens e mulheres negros: o cabelo. No poema “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”, nota-se a denúncia/resistência ao fenômeno da imposição estética que se relaciona aos cabelos.